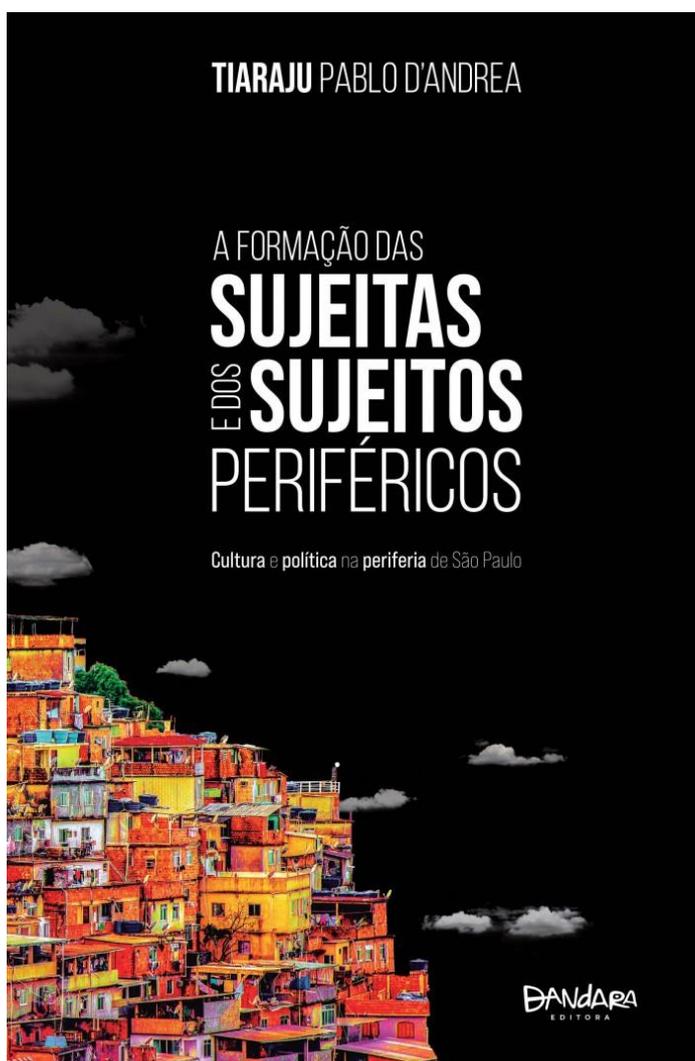


Resenha do livro

A formação das sujeitas e dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo

D'ANDREA, Tiaraju Pablo. *A formação das sujeitas e dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo*. São Paulo: Dandara, 2022.



Autor da resenha

Marco Marques Pestana

Mestre e Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense – UFF.

Professor do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense - UFF.

Brasil

marcopestana@id.uff.br

lattes.cnpq.br/8687452469739684

orcid.org/0000-0002-7590-4640

Para citar esta resenha:

PESTANA, Marco Marques. Resenha do livro “A formação das sujeitas e dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo”. *PerCursos*, Florianópolis, v. 24, e0701, 2023.

DOI: [10.5965/19847246242023e0701](https://doi.org/10.5965/19847246242023e0701)

<http://dx.doi.org/10.5965/19847246242023e0701>

A obra de Tiaraju Pablo D’Andrea, professor da Unifesp, ganha o formato de livro após uma já longa e profícua trajetória. Com efeito, trata-se de versão modificada e atualizada da tese de doutorado defendida pelo autor no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, ainda em 2013. Desde então, o texto foi apropriado por acadêmicos e sujeitas e sujeitos periféricos para reflexão e subsídio à ação política, como no caso das mobilizações pela aprovação da Lei de Fomento à Cultura da Periferia (Lei Nº 16.496, de 20 de julho de 2016, do Município de São Paulo). Dotadas já de percurso próprio, tais ideias, por sua vez, resultam do processo de elaboração do itinerário de vida de seu autor, ele mesmo um sujeito periférico com ampla atuação em iniciativas culturais e políticas¹.

Como resultado desse processo, D’Andrea afirma que

A intenção deste livro é contar uma história da desagregação da classe trabalhadora brasileira, paulatinamente derrotada pelo neoliberalismo a partir dos anos 1990. No entanto, ele conta também como a classe se reorganizou e produziu lutas, principalmente em lugares sociais e geográficos intitulados periferias urbanas. (D’ANDREA, p. 40, 2022)

Para dar conta desse objetivo, os sete capítulos do livro – entremeados por seis “cenas”, que apresentam e analisam episódios representativos da vida do autor e da vivência da periferia paulistana – podem ser agrupados em três blocos. No primeiro desses blocos, composto pelos capítulos 1 a 3, D’Andrea prepara o cenário: neles, respectivamente, são discutidos os múltiplos sentidos historicamente assumidos pelo conceito de “periferia” a depender do agente social que o produziu – academia, sujeitas e sujeitos periféricos e indústria do entretenimento –, os impactos do neoliberalismo dos anos 1990 nas periferias de São Paulo – especialmente, no que se refere ao aumento da pobreza e da violência – e, por fim, as iniciativas de diferentes agentes (como ONG’s, poder público, evangélicos, o grupo criminoso Primeiro Comando da Capital e coletivos culturais) ao longo da própria década de 1990 com o objetivo de reduzir a violência.

¹ Para mais informações sobre as trajetórias do texto e de seu autor, ver: D’ANDREA, Tiaraju Pablo. *A formação das sujeitas e dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo*. São Paulo: Dandara, 2022. p. 14-51.

Nos capítulos 4 e 5, que compõem o segundo bloco, o movimento cultural periférico assume o centro do palco. No primeiro deles, é examinada a obra do grupo de Rap *Racionais MC's* – ativo desde o final dos anos 1980 –, tomada como elemento fundamental para a emergência de uma nova compreensão da periferia tanto por seus moradores, quanto por outros agentes sociais. Destaca-se, nesse sentido, sua capacidade de conferir enorme visibilidade à própria periferia, a partir da crítica ao racismo e à repressão estatal, bem como da capacidade de oferecer suportes para a construção de uma “ética regulatória das relações entre a população periférica” (D’ANDREA, p. 101, 2022).

Já o capítulo 5 aborda a atuação dos coletivos culturais das periferias a partir das dimensões social, econômica, política e simbólica. Em uma trajetória marcada por três momentos fundamentais – autonomia e politização em 1990-2003; acúmulo de forças em 2004-2013; aglutinação a partir de 2013 –, tais coletivos operaram uma transformação na autocompreensão da população periférica e em sua ação política, pautando temas específicos de suas localidades, mas, também, intervindo em questões de âmbito nacional.

O terceiro e último bloco é dedicado à síntese teórica da experiência histórica escrutinada anteriormente. No sexto capítulo, a crise do paradigma fordista do trabalho é tomada como base para uma crescente centralidade da experiência no local de moradia como pedra angular da subjetividade da classe trabalhadora. Assim, a partir da politização das contradições expressas no espaço urbano – sociais, raciais e propriamente urbanas –, teria sido possível oferecer um contraponto concreto à narrativa neoliberal do “fim da história”, denunciando a perpetuação e o aprofundamento das desigualdades, bem como produzindo algum grau de unificação entre diferentes setores da classe trabalhadora.

Valendo-se da elaboração teórica do historiador inglês Edward Thompson, D’Andrea afirma que “[...] *trabalhador e periférico* são formas distintas como historicamente a classe se apresentou, dependendo dos desafios colocados pelo tempo histórico” (D’ANDREA, p. 201, 2022, grifo do autor)². Na sequência, o capítulo 7 encara o

² Essa referência oferece um gancho para indicar um ponto significativo em que a reflexão do autor poderia

desafio de produzir uma definição mais formalizada do conceito de “sujeitas e sujeitos periféricos”, a partir do cruzamento de três planos, o histórico, o das relações sociais e espaciais e o propriamente conceitual (D’ANDREA, p. 203, 2022). Para tal, o autor serve-se de um vasto arsenal de teoria social, passando pelas contribuições de Thompson, Pierre Bourdieu e Silvio Almeida, dentre outros, para concluir:

[...] nas últimas décadas, o principal produtor e veiculador de uma narrativa ressemantizadora de *periferia* foi o movimento artístico e cultural, que também auxiliou no processo social de tomada de *consciência de pertencimento* a um determinado espaço por parte de moradoras e moradores. Quando essa tomada de *consciência* foi motivo de *orgulho*, e não de *vergonha*, construiu-se um novo entendimento de si próprio. Quando o indivíduo portador desse *orgulho* agiu politicamente no espaço para a superação das desigualdades urbanas, econômicas, sociais, raciais, de gênero e contra todo tipo de opressão, conceitua-se neste livro como *sujeita e sujeito periférico*. (D’ANDREA, p. 238, 2022, grifo do autor)

A emergência de tais sujeitos, portanto, situa-se em uma dimensão histórica, ou seja, ao mesmo tempo em que é condicionada por determinados processos macrossociais, só pode se constituir a partir da margem de ação que toda situação, por mais desfavorável que seja, possibilita. Na medida em que essa atuação histórica tem como sua forma mais destacada o movimento artístico e cultural, ela adquire, necessariamente, uma dimensão coletiva. A partir daí, *consciência*, *orgulho* e *ação política* se tornam passos possíveis em direção à formação das sujeitas e sujeitos periféricos, ainda que não constituam um caminho de mão única, conforme evidenciado pelos contrapontos explícitos ou implícitos (a vergonha ou a inação política, por exemplo).

Esse breve sumário do percurso argumentativo percorrido por D’Andrea já nos permite asseverar que o livro rompe, de maneira bastante criativa, com, pelo menos, duas concepções que tenderam a se cristalizar como certo senso comum de análises sociológicas e políticas. A primeira delas, tipicamente encontrada em trabalhos filiados

ser aprofundada em próximas obras: a classe trabalhadora, em sua formatação atual, coincide inteiramente com os setores periféricos? Em caso negativo, que outros segmentos a compõem e quais seriam os vínculos possíveis de serem construídos entre eles?

aos paradigmas pós-modernistas, refere-se à noção de que a política no âmbito cultural se limitaria à dimensão simbólica. Com efeito, sem desconsiderar a centralidade de tal dimensão, o livro indica claramente as possibilidades de ação concreta – organizativa, institucional etc. – da política artística e cultural. A segunda, mais frequente em certo marxismo excessivamente apegado a formulações conceituais abstratizantes, diz respeito à capacidade de organização política da classe trabalhadora sob o neoliberalismo. Nessa seara, sem negar as imensas dificuldades existentes, D’Andrea indica que um olhar atento pode captar muito mais do que a absoluta fragmentação enxergada a partir do apego a determinados modelos históricos de organização.

Reconhecer a existência e o potencial político da organização política no âmbito cultural, entretanto, não implica adotar uma postura de observação indiferente, paternalista ou mesmo romantizadora em relação às sujeitas e sujeitos periféricos. Afinal, ser sujeito significa, também, estar sujeito ao exame crítico e aos embates políticos. Assim, o posfácio do livro é dedicado aos dilemas e desafios contemporaneamente enfrentados pelas periferias, impactadas por múltiplas crises (econômica, social, política, ambiental-sanitária e urbana) e disputadas por numerosos agentes sociais e políticos (PCC, evangélicos etc.).

Nesse sentido, D’Andrea se posiciona claramente ao identificar três tarefas prementes: “organizar as quebradas” pela luta coletiva a partir de pautas concretas; “reorganizar as esquerdas”, ampliando seu significado para variados setores sociais e pensando a política para além do eleitoralismo e do reformismo; e “vencer o projeto político neoliberal” pela articulação de luta concreta e intervenção na batalha das ideias.

No enfrentamento de tais desafios, seu livro constitui ferramenta inestimável, na medida em que, ao se apropriar analiticamente de dada realidade histórica concreta, contribui para a elaboração de um arcabouço teórico pautado pelo “marxismo favelado”, que “[...] é necessariamente antipatriarcal, antirracista e anti-imperialista, e propõe uma análise da totalidade da sociedade na qual a interpretação começa dos espaços periféricos das grandes cidades” (D’ANDREA, p. 262, 2022).

Resenha do livro “A formação das sujeitas e dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo”
Marco Marques Pestana

Recebida em: 20/03/2023

Aprovada em: 28/06/2023

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED

Revista *PerCursos*

Volume 24 - Ano 2023

revistapercursos.faed@udesc.br